

OS HASMONEUS E A PALESTINA ANTIGA: O GOVERNO DE JOÃO HIRCANO I E A DESOLAÇÃO DA SAMARIA (111-108 AEC)

THE HASMONEANS AND ANCIENT PALESTINE: THE RULE OF JOHN HYRCANUS I AND THE DESOLATION OF SAMARIA (111-108 BCE)

ALMEIDA, Vitor*

<https://orcid.org/0000-0003-1941-5794>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar os desdobramentos do governo independente dos Hasmoneus na Palestina Antiga, ocorridos no final do século II AEC até a chegada dos romanos na região. Este governo é considerado o primeiro de origem judeana desde as expansões imperiais ocorridas no território, e com ele uma série de mudanças tiveram lugar para os habitantes do recorte geográfico palestino. Deste modo, o objetivo deste artigo é lançar luz aos acontecimentos ocorridos na região da Samaria após a elevação de João Hircano I ao poder e os subsequentes resultados da mesma a partir de fontes arqueológicas e textuais.

PALAVRAS-CHAVE: Hasmoneus; Judeia; Samaria; João Hircano I; Monte Gerizim

ABSTRACT: This article aims to analyze the consequences of the independent government of the Hasmoneans in Ancient Palestine, which occurred at the end of the second century BC until the arrival of the Romans in the region. This government is considered the first of Jewish origin since the imperial expansions that occurred in the territory, and with it a series of changes took place for the inhabitants of the Palestinian geographical area. Thus, the aim of this article is to shed light on the events that took place in the region of Samaria after the rise of John Hyrcanus I to power and the subsequent results of the same from archaeological and textual sources.

KEYWORDS: Hasmoneans; Judea; Samaria; John Hircanus I; Mount Gerizim

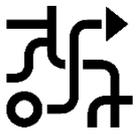
* Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é pós-doutorando no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP). Atua no campo da História Antiga e Arqueologia, com ênfase em Palestina Antiga, Judeia e Samaria na Antiguidade e Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo.

INTRODUÇÃO

A maioria das pesquisas atuais que se ocupam das relações entre as comunidades da Judeia e Samaria nos tempos antigos consideram que é após a elevação de João Hircano I –135 AEC – que, de fato, o panorama dessas duas regiões e seus habitantes, já deterioradas durante todo o período anterior, tem uma metamorfose radical (HALL, 1989, p. 33; HJELM, 2004, p. 288). Sem sombra de dúvidas, a destruição do Templo de Gerizim e a ulterior destruição da cidade da Samaria detêm os contornos trágicos do processo cismogênico (BATESON 2006, p. 2019; SAHLINS 2005, p. 25), iniciado muito tempo antes. Este evento, de proporções dramáticas, pode ser considerado o ápice de séculos de interações conflituosas e ambíguas entre as comunidades vizinhas. Contudo, alguns meandros necessitam de um aprofundamento mais denso. Os desenvolvimentos históricos paralelos das comunidades, sempre tiveram como “marca registrada” a interconexão e articulação, fossem estas de natureza comportamental ou ideológica, ondulando entre a rivalidade, disputa, embate religioso, confrontos de tradições, aproximações, uniões por matrimônio, negociações e períodos de relativo “equilíbrio”, ainda que o relacionamento fosse mutuamente alimentado por uma diferenciação cumulativa (BATESON, 2006, p. 127).

É indispensável considerar que Hircano não simplesmente eliminou a concorrência templária, em uma tentativa de centralizar o culto em Jerusalém e atestar a posição judeana como “povo escolhido”. Seu projeto expansionista/reformista continha delineações bem mais expressivas, não testemunhadas na Palestina desde os tempos do rei Josias (HJELM, 2004, p.288). Hircano liderou a conquista militar de territórios extra-judeanos, anexando-os ao seu domínio, cunhou moedas com seu nome – indicando sua proeminência econômica e política – e instaurou a tributação nas áreas dominadas, além de impor aos habitantes costumes jerusalimitas, convertendo-os ao javismo praticado no Templo de Jerusalém. *A posteriori*, os resultados destas deliberações foram drásticos para o quadro geopolítico e sociocultural palestino.

Desse modo, os feitos de Hircano, como descritos em Flávio Josefo, a principal fonte textual sobre sua trajetória, não devem ser analisados somente como um desenrolar factual referente ao plano-mestre judeano, que de fato estava imerso em suas atitudes, mas a uma profunda transformação do *status quo*, potencializado no investimento de caráter imperialista advindo do território do território que esteve sujeito à dominação



estrangeira por pelo menos cinco séculos (VI – II AEC). Este chefe judeano não estava interessado em apenas manter Jerusalém a salvo de domínios exógenos e dar continuidade a sua reivindicação de verdadeiros “herdeiros de Israel”, como parece ter sido a preocupação de líderes anteriores, mas antes, transmutar a Judeia no próprio dominador, promovendo assim novas conjunturas e tendo como alvos as comunidades vizinhas.

É bastante factível observar que as interações promovidas a partir do contato com a cultura helenística tenham sido um dos fatores que fomentaram as ações posteriores de João Hircano e seus descendentes. Quando ele se viu liberto dos grilhões políticos externos, em termos pragmáticos, redefiniu os papéis em um quadro mais amplificado da conjuntura palestina como um todo. Dessa maneira, a expansão de Hircano redimensionou o contexto inter-relacional entre as esferas presentes no que poderia ser considerado um *pan-israelismo*, com todas as suas multiplicidades, para remodelar o panorama das relações, sem destruí-las, justapondo evento e estrutura, porém, tornando-o contínuo em outros parâmetros. Como defende Sahlins (2008, p.125):

No evento, as circunstâncias não se conformam, as categorias recebidas são potencialmente revaloradas na prática, redefinidas funcionalmente. De acordo com o lugar da categoria recebida no interior do sistema cultural tal como constituído, e conforme os interesses afetados, o próprio sistema é mais ou menos alterado. No extremo, o que começou como reprodução termina como transformação.

Em tempo, não se deve confundir, de maneira simplista, o investimento de Hircano com uma simples *mimesis* de processos imperialistas anteriores, em que os resultados seriam mais ou menos análogos. O expediente de centralização cultural à divindade Yahweh, tradicionalmente mais antigo, e simetricamente reproduzido por judaítas e samaritanos, em disputas pontuais, é estendido a outras dimensões, culturais, políticas e econômicas, ainda que estas não fossem compreendidas como compartimentos segmentados, nos moldes modernos (LATOUR, 1994,p.11-12). É a partir da extensão das pretensões do líder hasmoneu que uma reconfiguração das relações é realizada concretamente. Todavia, este novo arranjo relacional ainda continha elementos que promoviam a síntese entre estabilidade e mudança, diacronia e sincronia,



entrelaçando projeções anteriores com as demandas ocasionadas por questões imediatas.

O que acontece com a divisão corolária entre estabilidade e mudança? O pensamento ocidental pressupõe, mais uma vez, que estas sejam antitéticas: contrários lógicos e ontológicos. Efeitos culturais são identificados enquanto contínuos, ou descontínuos, como se existissem tipos alternativos de realidade fenomenal, em distribuição complementar em qualquer espaço cultural. (SAHLINS, 1990, p. 178)

Por isso a acusação de que Hircano e seus sucessores tenham subvertido a essência do movimento macabeu (HORSLEY & HANSON, 1995, p.37-38) parece possuir uma percepção equivocada dos dados analisados. Não há rompimento por parte de Hircano com os valores ideológicos e atitudes de seus antecessores, além disso, suas ações em relação aos vizinhos não são “eventualidades” incorporadas em seu esforço expansionista. Existem mais elementos por trás desta problemática, que se tornam subterrâneos diante da grande magnitude da disputa Macabeus vs. Helenismo, que a historiografia perpetua, claramente influenciada por uma memória pró-Jerusalém/Judeia, muitas vezes inconsciente.

II. FONTES ARQUEOLÓGICAS E TEXTUAIS

A Arqueologia fornece algumas bases estruturais para se pensar nas interações culturais na Palestina Antiga durante o período de ascensão dos Hasmoneus, como por exemplo, as moedas cunhadas no período, que claramente demonstram padrões helenísticos hibridizados com símbolos locais. Isso denota que processos históricos dificilmente podem ser observados de forma binária, como se as continuidades fossem apagadas sem deixar rastros a cada período segmentado por mudanças políticas e mudanças de poder.

Ao contrário, esses processos de interconexões culturais no tempo ocorrem de formas múltiplas e pluralizadas, detendo em si um sem-número de dimensões interligadas que precisam ser consideradas em qualquer análise do ambiente mediterrânico e do antigo oriente próximo. Esses exemplares encontrados na circulação monetária no período Hasmonaico demonstram uma forte vinculação com modelos helenísticos de cunhagem, explicitando fortes continuidades do ideário Macedônico e Selêucida

anteriores. Como exemplo, vejamos as cunhagens de moedas durante o governo de João Hircano I:



Fig. 1. Descrição: Moeda cunhada em Jerusalém - Aelia Capitolina - Judéia sob a autoridade da Dinastia Hasmonéia de João Hircano I (Yehohanan). Datação: 134-104 AEC. Anverso: Coroa feita com pequenos ramos de mirto; legenda: Yehohanan o sumo-sacerdote e conselho dos judeus; acima letra grega A. Reverso: Duas cornucópias cruzadas adornadas com fitas. Tipos Secundários de reverso: romã. (PORTO, 2007, p. 134; Tomo II)

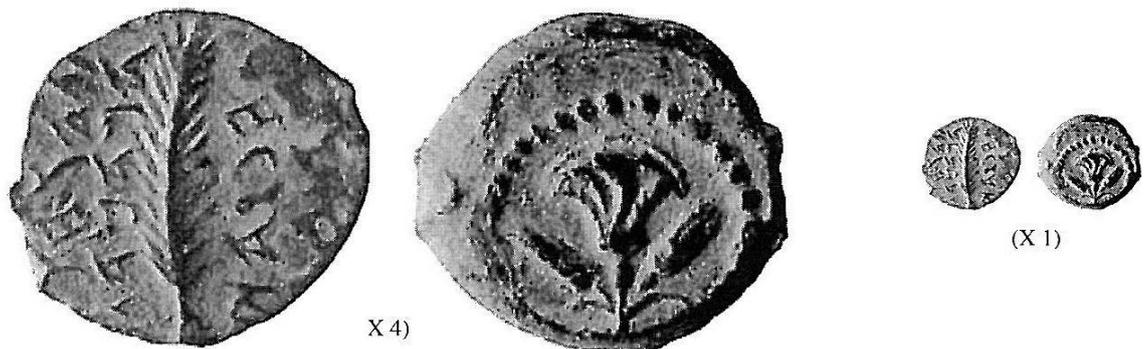


Fig. 2. Descrição: Moeda cunhada em Jerusalém - Aelia Capitolina - Judéia sob a autoridade da Dinastia Hasmonéia de João Hircano I. Datação: 134-104 AEC. Anverso: Coroa feita com pequenos ramos de mirto; legenda em paleo-hebraico: Yehohanan o sumo-sacerdote e conselho dos judeus; acima letra grega A. Tipos secundários de anverso: *lulav* (palma). Reverso: Lírio. Tipos secundários de reverso: Dois ramos de Trigo. (PORTO, 2007, p.135; Tomo II)



Fig. 3. Descrição: Moeda cunhada em Jerusalém - Aelia Capitolina - Judéia sob a autoridade da Dinastia Hasmonéia de João Hircano I (Yehohanan). Datação: 134-104 AEC. Anverso: Coroa feita com pequenos ramos de mirto; legenda em paleo-hebraico: Yehohanan o sumo-sacerdote e conselho dos judeus; acima letra grega A. Reverso: Duas cornucópias cruzadas adornadas com fitas. Tipos Secundários de reverso: romã. (PORTO, 2007, p. 137; Tomo II)

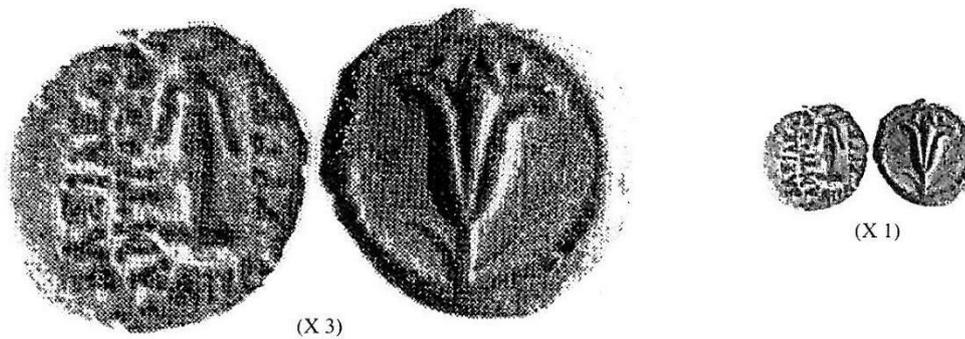


Fig. 4. Descrição: Moeda cunhada em Jerusalém -Aelia Capitolina - Judéia sob a autoridade da Dinastia Hasmonéia de João Hircano I. Datação: 134-104 AEC. Anverso: Âncora; legenda: do Rei Antíoco, Benfeitor. Reverso: Lírio. Borda de pontos. (PORTO, 2007, p. 139; Tomo II)

A documentação textual também nos oferece pistas valiosas sobre estas mudanças contextuais e as permanências contidas nas mesmas, sobretudo no que tange às ações de Hircano nas regiões vizinhas, principalmente Samaria, e sua recepção e sistematização por Flávio Josefo:

Assim que ele ouviu sobre a morte de Antíoco, Hircano marchou contra as cidades da Síria, imaginando encontrá-las, como de fato elas estavam esvaziadas de homens de armas e de qualquer um capaz de entregá-los. E ele capturou Medaba [Medeba]¹ depois de seis meses, durante os quais seu exército sofreu grandes dificuldades; depois ele capturou Samoga [Samak]² e seus arredores, e, em adição a estas, Shechem [Siquém] e Garizeim [Gerizim] e a nação Cuteana [Samaritana], que vive perto do templo construído a partir do modelo do santuário em Jerusalém, o qual Alexandre permitiu ao governador deles Sanaballetes [Sanballat] a construir em favor de seu genro Manasses, o irmão do alto sacerdote Jaddua, como nós relatamos antes. Agora, duzentos anos mais tarde este templo foi devastado. Hircano também capturou as cidades de Adora e Marisa [Maresha] e depois de subjugar todos os Idumeus, permitiu a eles permanecer em seu país conquanto eles circuncidassem a si mesmos e estivessem dispostos a observar as leis dos Judeus. E então, por apego a terra de seus pais, eles submeteram-se a circuncisão e a acomodar seu modo de vida conforme todos os aspectos aqueles dos Judeus. E daí para frente eles continuaram a ser judeus. AJ. 13. 254-258

A expansão de Hircano começa pelas antigas terras de Moabe, ao leste de Jerusalém e após conquistar esta área, direciona-se diretamente para Siquém – uma das mais representativas cidades do remoto Reino de Israel – e lá, subindo até a Montanha de Gerizim a destrói completamente. Não é possível descrever seu trajeto exato, mas há uma grande possibilidade de que essa campanha tenha passado pelas terras dos Tobíadas e, sem intercorrências, atravessando novamente o rio Jordão, as forças de Hircano encaminharam-se para Siquém, aos pés do Monte Gerizim, e, conquistando a cidade, subiram ao templo e o devastaram. É importante notar que a campanha não se estende até a cidade da Samaria – neste momento o coração da província.

As adições “anti-samaritanas” de Josefo estão, como o usual, presentes: Cuteanos em lugar de Samaritanos, o Templo de Gerizim como uma versão adulterada do Templo de Jerusalém e a conexão entre este e o alto sacerdote jerusolimita – Jaddua –, a partir de seu irmão Manasses. Após arrasar o templo, Hircano volta-se para o extremo sul, para a Idumeia, e torna submissa sua população, impondo-lhes uma “judaização”, circuncidando seus habitantes e obrigando-os a viver de acordo com as leis e os costumes judeanos. A temporalidade da campanha é uma incógnita, no entanto, é provável que, para além dos seis meses descritos na conquista de Medaba, um tempo considerável

¹ Antiga cidade Moabita.

² Locação próxima a Medeba.



tenha sido dispensado nas invasões que se seguiram. Certamente, o Templo de Gerizim não foi destruído sem resistência, e os “Cuteanos”, descritos pelo autor, seguramente eram javistas que adoravam no local, concentrados na cidade de Siquém, aos pés da Montanha. Atentemos agora aos detalhes:

- a) De nenhuma maneira é possível cotejar a possibilidade de que o Templo estivesse vazio no momento de sua tomada e devastação. Ainda assim o destino dos frequentadores nesse episódio é desconhecido ou silenciado.
- b) Não há menção à resistência concernente à destruição do Templo e nem à tomada de Siquém, uma cidade consideravelmente importante para o território samaritano. Da mesma maneira, nenhuma menção é feita aos javistas que adoravam no Templo ou ao sumo sacerdote então em vigência. Das duas, uma: Ou Josefo não detinha essa informação ou optou por não a anexar ao seu relato. Caso a segunda opção seja a correta, esta pode ter sido uma maneira encontrada pelo autor para obliterar a importância do Templo e de seus frequentadores.
- c) Diferentemente da Idumeia, não há nenhuma citação de providências “judaizantes” – como a circuncisão –. Obviamente, estas não eram necessárias no caso de Gerizim e Siquém, já que os javistas nortistas seguiam as deliberações da *Lei*, assim como os sulistas. Além disso, aos Idumeus foi fornecida a opção de “tornarem-se Judeus”, como Josefo atesta que eram considerados, ao menos até o fim do século I EC. Esta opção não foi citada no caso de Gerizim/Siquém.
- d) Josefo esforça-se em estabelecer a conexão temporal com seu relato anterior (AJ. 11: 323-324), alocando a construção no tempo de Alexandre e citando Sanballat – governador da Samaria –, assim como insiste com a nomenclatura “Cuteanos”.

A partir dessas colocações, podemos estabelecer algumas proposições acerca do episódio. Em primeiro plano, o ataque de Hircano ao Templo de Gerizim não é obra do acaso. Se sua preocupação centralista era de que os habitantes das áreas invadidas



seguissem os preceitos impostos por ele, a partir de um governo que teria seu núcleo na Judeia, o primeiro passo seria eliminar o templo rival, tornando assim Jerusalém o único grande centro de adoração a Yahweh, ou seja, sua morada “oficial”. Isso indica que o templo de Gerizim nunca esteve fora do radar jerusalimita e Hircano, de posse de um exército e com relativa liberdade de ação, utiliza-se da conjuntura propícia para extinguir o concorrente, além de estabelecer os alicerces de um processo de univocação religiosa e política. Enquanto dois templos existissem, simetricamente opostos, as possibilidades permaneciam abertas a qualquer indivíduo javista, sulista ou nortista, de escolher seu local de culto. A extirpação de Gerizim – 111-110 AEC – é um passo importantíssimo para garantir a proeminência de Jerusalém.

Além disso, o controle geográfico e político da região de Siquém/Gerizim também enfraquecia o principal centro administrativo capaz de disputar com Jerusalém, a cidade da Samaria. João Hircano, provavelmente não tinha força suficiente para um ataque direto naquele momento, mas destituir duas de suas principais localidades, certamente causaria um estrago considerável, possibilitando a interceptação de tributos, o fechamento da via de conexão entre javistas da cidade da Samaria e Gerizim, e a dispersão dos frequentadores do Templo nortenho, garantindo que estes não retornassem. Tendo em vista suas atitudes em relação à Idumeia, é possível conjecturar que Hircano não rejeitaria a presença de javistas de Gerizim em seu Templo em Jerusalém. A simples aceitação de sua proeminência político-religiosa bastaria, não exigindo maiores modificações, como no caso dos idumeus.

Contudo, analisando não o personagem, mas o narrador, situado historicamente no século I EC, é evidente que isso não ocorreu. A destruição de Gerizim, e da cidade em seu entorno, construída durante o domínio do rei selêucida Demétrio I (DUSEK, 2012, p. 4), e Siquém, antigo centro de poder do Reino de Israel, não tornou os samaritanos javistas em “judeus” conforme pode ser observado, não apenas em antiguidades judaicas, como também nas fontes neotestamentárias. Josefo, assim como os autores do *livro de João*, por exemplo, produzem estes escritos por volta de 90-100 EC, exibindo uma tendência “anti-samaritana” fortíssima, aproximadamente, duzentos anos depois destes eventos.

Apenas este acontecimento, a destruição de Gerizim, já modificaria – e de fato modificou –, sobremaneira, as relações entre os grupos, no entanto, nem mesmo esse



episódio foi capaz de findar as articulações entre as comunidades. A complexidade de suas relações, diferenciações e formações identitárias permaneceu, mesmo depois de o templo de Jerusalém ter sido desolado pelos romanos em 66-70 EC (KNOPPERS, 2013, p.226).

Não é possível negar, porém, que este fato é determinante para o início da derrocada israelita/samaritana enquanto uma comunidade estruturada em moldes formais. A ambição de Hircano não foi saciada apenas com a destruição do Templo, o que indica que sua preocupação não perpassava apenas pelo âmbito religioso, como as conexões entre judeus e samaritanos parecem ter sido reduzidas em termos historiográficos.

Desta maneira, restava apenas um último bastião opositor para as pretensões centralistas de Hircano, pois a cidade da Samaria continuava de pé, ainda mantendo uma aristocracia e uma estrutura de poder, inserida no mesmo contexto macropolítico de seus vizinhos sulistas. É de se imaginar que Hircano não pudesse, de uma vez por todas, instalar sua influência por toda a região enquanto o outro núcleo ainda resistisse, podendo causar problemas. Não obstante, enquanto Jerusalém concentrava o poder político/religioso em um só local, em termos geográficos, a província de *Samaritis*, tinha estas duas dimensões divididas entre sua capital e o Monte Gerizim, junto da cidade em seus arredores. Uma parte da tarefa do sumo sacerdote/governador da Judeia havia sido cumprida, todavia necessitava ser concluída, para que a centralização de Judá pudesse tornar-se uma realidade irrefutável. Então, em meio aos distúrbios internos dos governos helenísticos, explodindo em guerras fratricidas pelo poder real, João Hircano, apenas alguns anos depois de seu assalto ao Monte Gerizim, finalmente, reúne o exército e marcha em direção a capital da Samaria. O relato de Josefo em AJ é detalhado e extenso:

E então ele marchou contra a Samaria, uma cidade intensamente fortificada; esta cidade foi fundada³ por Herodes sob o nome de Sebaste, como agora é chamada, nós deveremos relatar isso no lugar apropriado. E ele a atacou e sitiou vigorosamente, pois ele odiava os Samaritanos como patifes, por conta dos prejuízos os quais, em obediência ao rei da Síria, eles haviam cometido ao povo de Marisa, que eram colonos

³ Neste caso "refundada". Para mais informações ver Nota [i] em JOSEPHUS, *Jewish Antiquities*. Trad: Ralph Marcus. London: Harvard University Press, 1987, Books XII – XIV, 10 vols. p.365.

e aliados dos Judeus. Conseqüentemente, ele fez uma trincheira em torno da cidade em todos os lados, e uma parede dupla por uma distância de oitenta estádios⁴, e colocou seus filhos Antigonus [Antígono] e Aristobulus [Aristóbulo] no comando. E como eles apertavam o cerco, os Samaritanos, finalmente levados pela fome a um estado tal de necessidade, foram forçados a tomar por comida mesmo as coisas que não são usadas para esse propósito, e ao, mesmo tempo, a convocar ajuda de Antiochus Cyzenus [Antíoco IX Cízico]. Ele prontamente veio em seu auxílio, mas foi derrotado por Aristobulus [Aristóbulo] e foi perseguido pelos irmãos até Scythopolis [Citópolis], de onde ele fugiu. Os irmãos então retornaram a Samaria e mais uma vez encerraram os Samaritanos dentro da parede, que então pela segunda em tiveram de convocar a ajuda do mesmo Antiochus [Antíoco IX Cízico]; ele em consequência disso requereu a Ptolemy Lathyrus [Ptolomeu IX Soter II] seis mil homens, que este último enviou a ele contra o desejo de sua mãe⁵, que, no todo, demoveu-o do reino ao ouvir isto; e com esses egípcios Antiochus [Antíoco IX Cízico] invadiu e devastou o território de Hircano como um salteador, pois ele não ousava enfrentá-lo face a face em batalha – sua força não era adequada para isso –, mas supôs que danificando seu território ele compelia Hircano a levantar o cerco da Samaria. Entretanto, após perder muitos homens caindo em emboscadas, ele se retirou para Tripolis, deixando Callimandrus e Epícrates na guerra direta contra os Judeus. Mas como Callimandrus atacou o inimigo de forma muito descuidada, ele foi posto em fuga e morto no local. Quanto a Epícrates, em sua ganância por dinheiro ele abertamente traiu Scythopolis e outros lugares próximos em favor dos Judeus, todavia não pôde levar o cerco da Samaria ao fim. Então Hircano capturou a cidade depois de sitiá-la por um ano, mas não contente somente com isso, ele a extinguiu completamente e a deixou para ser varrida pelas torrentes da montanha, pois ele cavou abaixo dela até que caísse nos leitos das correntezas, e então ele removeu todos os sinais de que um dia esta havia sido uma cidade. (AJ. 13.275-282)

Antes de analisar esse trecho, apenas em vias de não deixar margens para dúvidas quanto à cronologia traçada por esta pesquisa, devemos considerar que em sua outra famosa obra, *Guerras Judaicas*, Flávio Josefo narra, de forma resumida – GJ. 1.62-66 –, os mesmos episódios supracitados, citando a tomada de Gerizim e a destruição da Samaria, seguindo o relato de AJ, de forma basicamente idêntica, excetuando-se três detalhes: a substituição de Antíoco IX Cízico por seu rival e meio-irmão, Antíoco VIII Filometor, a obliteração da informação de suborno perpetuado por Hircano em relação à Epícrates, posicionando a tomada de Citópolis pelas mãos dos judeanos, e a menção a escravização dos habitantes, após a devastação da cidade.

⁴ 9 milhas.

⁵ Respectivamente Cleópatra III (Cleópatra Evergeta).



A troca de nomes – Antíoco IX Cízico por Antíoco VIII Filometor – parece atestar que a disposição introdutória de Josefo em GJ não é acurada, apesar de constituir o relato mais antigo, e as informações dispostas em AJ sobre o episódio são mais confiáveis, como atestam os comentadores da tradução.⁶ Da mesma maneira, os comentadores de AJ apontam que a confusão de nomes colocaria o cerco a Samaria antes de 113 AEC. Caso o relato de GJ estivesse correto, tendo em vista que a datação para a destruição do Templo de Gerizim se deu entre 111-110 AEC, essa informação denotaria um anacronismo. Além disso, a citação ao pedido de ajuda a Ptolomeu IX Soter II (AUSTIN, 2006, p. 509), favorece uma data posterior, alocando os fatos pouco antes de 107 AEC⁷.

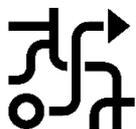
No que concerne ao suborno de Epícrates, Josefo claramente opta por não oferecer esta informação em GJ, suprimindo-a do relato resumido, tornando-a duvidosa. Da mesma maneira, a redução dos habitantes à escravidão não aparece no relato mais extenso de AJ, apesar de ser um dado sugestivo, não pode ser comprovado por nenhuma outra fonte textual ou material. Deste modo, a devastação da Samaria aloca-se entre os anos de 111-108 AEC (MOR, 2011, p.99; KNOPPERS, 2013, p.173).

Retornando à passagem de AJ. 13. 275-282, em primeiro lugar deve ser notado que as ações de Hircano em Gerizim e Siquém não passaram despercebidas pelo governo da Samaria, que como retaliação ataca a cidade de Marisa, situada na Idumeia, já sob o poder judeano. A espiral de ação/reação novamente é colocada em evidência, no entanto, os termos haviam ido muito além dos limites com a destruição de Gerizim. A citação a Herodes e Sebaste, também são profundamente importantes, pois apesar de não terem lugar no recorte temporal a que Josefo se refere, atestam a necessidade de aludir a importância da cidade durante o período herodiano posterior, quando a cidade é reconstruída e renomeada em homenagem ao imperador Otávio Augusto⁸. Ao marchar contra o coração da Samaria, Hircano encontra uma cidade bem fortificada, o que o faz

⁶ Ver Nota [c] em JOSEPHUS. *The Jewish War*. Trad: H. St. J. Thackeray. London: Harvard University Press, 1989, 9 vols. p. 31.

⁷ Ver Nota [d] em JOSEPHUS, *Jewish Antiquities*. Trad: Ralph Marcus. London: Harvard University Press, 1987, Books XII – XIV, 10 vols. p. 367.

⁸ Sebaste tradicionalmente é a forma grega de referir-se a *Augustus*. Muitas localidades recebem esta nomenclatura durante o período romano, como o Sebasteion em Afrodísia, para mais informações ver CROSSAN, J. D. & REED J. L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 27-31.



tomar providências agudas, como a construção de uma trincheira em torno do local e edificação de paredes duplas. O cerco foi comandado diretamente por seus filhos, denotando a importância da campanha, e como reportado, a cidade resistiu até o ponto de findarem-se seus suprimentos, o que certamente levou um tempo considerável.

Neste ponto, podemos ponderar sobre algumas minúcias importantes. O pedido de ajuda a Antíoco IX revela que a cidade continuava mantendo relações com o governo Selêucida, apoiando a facção deste pretendente real contra seu meio-irmão. Do mesmo modo, a resposta positiva revela que a cidade continuava a ser considerada um local estratégico importante, assim como Citópolis, alocada na região da Galileia, onde o exército de Antíoco IX teria se refugiado, e isto não foi ignorado. Novamente podemos observar o padrão de ampliação estrutural (SAHLINS, 2005,p.25) mediando acontecimentos em nível local. Isto é importante para a percepção de que a centralidade judeana é construída paulatinamente como projeto político-religioso (HJELM,, 2004,p. 288), reverberado em sua documentação textual. Porém, em escalas mais abrangentes, a proeminência estava disposta em um padrão horizontal, em termos relacionais. A progressão de diferenciações e rivalidades, que chega ao auge nestes eventos, perpassa pela influência de forças externas a todo o momento. A cidade, resistindo ao cerco, faz um segundo pedido, que expande ainda mais a escala de relações adicionando o então descendente ao trono Ptolomaida, Ptolomeu IX Soter II⁹. Essas conexões indicam que a Palestina Antiga era neste período um pandemônio de disputas, que se influenciavam mutuamente. Por fim, o relato desdobra-se na morte de Callimandrus e o suborno de Epícrates, dado este que sugeriria a prosperidade de Hircano no quesito monetário, e a contratação de forças externas em aderência ao seu exército. Epícrates teria “traído” seu antigo senhor e conquistado para Hircano tanto Citópolis quanto outras áreas, juntando-se ao cerco na Samaria logo depois. A retirada de Antíoco para Tripolis, outra cidade helenística, fortalece ainda mais a presença da rede selêucida/ptolemaida, ainda vigente em fins do século II AEC.

III. CONCLUSÃO

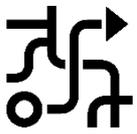
⁹ Filho mais velho de Ptolomeu VIII Evérgeta II – Físcon –. Para mais informações sobre a progressão da Dinastia Ptolomaica no Egito ver AUSTIN, M.M. *The Hellenistic World From Alexander to the Roman Conquest*. Cambridge University Press: New York, 2006. p. 509.

Como epílogo deste trágico desfecho em AJ. 13.275-282, temos a notícia da total desolação da cidade, sendo varrida do mapa palestino por Hircano, seus filhos e seu exército. Contudo, o final da passagem contradiz seu início, quando Josefo explica que Herodes reconstruiu a cidade. Nomeando-a *Sebaste*, a antiga cidade da Samaria, certamente não foi construída do nada, e todas as notícias posteriores sobre o local nas obras do autor judeu aludem a sua “reconstrução” e “renomeação”, não a construção de uma nova *polis* ou *urbe*.

Deve ser considerado, na análise do fragmento, que Josefo, sopesando o teor anti-samaritano de seus escritos, não aparenta ter razão alguma para hiperbolizar o prestígio da Samaria em relação ao governo Selêucida, ou qualquer governo que seja. A citação a todos estes personagens poderia ter sido obliterada, da mesma forma como a descrição da conquista de outras regiões. No entanto, a Samaria permanece escapando das intenções parciais do autor, como se, em momentos de distração, alguns ecos da História samaritana escapassem por entre seus dedos, que se esforçam em manter o controle da narrativa mantendo Judá/Judeia em destaque. Quanto aos filhos de Hircano, estes deram continuidade à política expansionista/centralista – entre 104 – 63 AEC – anexando ao título de sumo-sacerdote a nomenclatura de “rei”. Aristóbulo I foi o primeiro a se autodeclarar “rei da Judeia”, seguido de Alexandre Janeu. No interstício entre a morte deste monarca e a dominação efetiva de Roma, a Judeia conheceu sua primeira e única, governante feminina no período pós-exílico, Salomé Alexandra, seguida de Hircano II que reinou, independentemente, somente por três anos antes da intervenção romana.

Em 63 AEC, em virtude da chegada dos romanos, a dinastia Hasmonaica que já se encontrava abalada, encontrou seu fim. Ao terem de enfrentar os habitantes da província palestina, uma guerra instaurou-se no território com confrontos diretos e diversas lideranças e movimentos populares entre 66 EC e 70 EC. Existem evidências literárias que confirmam a participação da Samaria e era de se esperar que suas principais cidades precisavam ser tomadas militarmente.

Quanto aos habitantes da cidade da Samaria e Siquém, assim como os javistas que cultuavam no Gerizim, as notícias passam então a ser inteiramente esparsas na documentação, não sendo possível delinear um destino exato. Hall (1989, p.33) aponta que o distrito da Samaria esteve sob o poder judeu até a intervenção de Roma na região



– 63 AEC –, enquanto Crown (1989, p.200-201) abre a hipótese de que este evento tenha sido crucial para a potencialização da diáspora samaritana, atestada pela presença de javistas israelitas em outras regiões mediterrânicas, como confirmam os achados arqueológicos na ilha de Delos, na Grécia, (PLASSART, 1914; BRUNEAU, 1982).

Em todo caso, o Templo de Gerizim não foi reconstruído após as conquistas dos Hasmoneus, diferentemente da cidade de Samaria (MOR, 2011, p.99). Porém, a história das relações judaico-samaritanas não termina aqui, pois como atesta Sahlins, toda mudança prática é também uma reprodução cultural” (1990, p. 179). Desse modo, os israelitas/samaritanos, além de não serem extintos, de não se “judaizarem”, não se tornarem uma “seita” ou “heresia” ao conservarem suas tradições antigas, obediência a *Torah*. Assim como, o pleito de verdadeiros descendentes de Jacó, nunca deixaram de observar o Monte Gerizim como o local primevo e unívoco de culto a sua divindade, Yahweh.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

AUSTIN, M.M. *The Hellenistic World From Alexander to the Roman Conquest*. New York: Cambridge University Press, 2006.

BATESON, G. *Naven: um esboço dos problemas sugeridos por um retrato composto, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné*. – São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

BRUNEAU, P. *Les Israélites de Délos et La Juiverie Délienne*. In: Bulletin de Correspondance Hellénique, École Française D’Athènes, Paris: Boccard, 1982.

CROWN, Alan D. *The Samaritans*, ed. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1989.

DUSEK, J. *Aramaic and Hebrew Inscriptions from Mt Gerizim and Samaria between Antiochus III and Antiochus IV Epiphanes. Culture and History of Ancient Near East*. Leiden, the Netherlands: Brill, 2012.

HALL, B. From John Hyrcanus to Baba Rabbah in: CROWN, Alan D. *The Samaritans*, ed. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1989. p. 32-54.

HJELM, I. *The Samaritans and Early Judaism. A Literary Analysis*. Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 303. Sheffield, UK: Sheffield Academic Press, 2000.

_____. *Jerusalem's Rise to Sovereignty: Zion and Gerizim in Competition*. London: T&T Clark International, 2004.



HORSLEY, R. & HANSON, J.S. *Bandidos, profetas e messias. Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.

KNOPPERS, G. *Jews and Samaritans: the origin and history of their early relations*. Oxford University Press, New York, 2013.

MOR, M. *The Persian, Hellenistic and Hasmonaean period*. in: CROWN, Alan D. *The Samaritans*, ed. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1989, p. 1-19.

_____. *The Building of the Samaritan Temple and the Samaritan Governors – Again* in: ZENGELLÉR, J. *Samaria, Samaritans, Samaritans: Studies on Bible, History and Linguistics*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter & Co, 2011. p. 89-108.

LATOURET, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

PLASSART, A. *La synagogue juive de Délos*. In: *Revue Biblique* 11, p. 523-534, 1914.

PORTO, Vagner Carneiro: *Imagens Monetárias na Judeia/Palestina sob dominação romana*. Tomos I e II. Vagner Carneiro Porto. – (Tese de Doutorado) São Paulo: S/N, 2007.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

_____. *Structural Work: How Microhistories Become Macrohistories and vice versa*. *Anthropological Theory*, 5: 5-30, 2005.

_____. *Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FONTES

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

JOSEPHUS. *The life – Against Apion*. Trad: H. St. J. Thackeray. London: Harvard University Press, 1976.

_____. *Jewish Antiquities*. Trad: L.H. Feldman. London: Harvard University Press, 1981, 10 vols.

_____. *The Jewish War*. Trad: H. St. J. Thackeray. London: Harvard University Press, 1989, 9 vols.

Recebido em 15/02/2023

Aprovado em 12/07/2023